

***O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel: do criticado folhetim ao sucesso do livro popular**

Sabrina Ferraz Fraccari (UFSM/CAPES)*

<https://orcid.org/0000-0001-6656-9417>

Resumo:

Este artigo tem como objetivo refletir sobre o processo de publicação do romance *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel, desde o formato folhetim até a edição em livro, considerando o componente comercial dos textos literários e as instâncias de recepção, em especial, a crítica literária brasileira em fins do Oitocentos. A fim de embasar teoricamente nosso estudo, recorreremos às pesquisas de El Far (2004; 2007), Catharina (2013), Vieira (2015), Mendes (2017), Mendes e Vieira (2013) e, ainda, Sodré (1966) e Barbosa (2010). Nosso trabalho divide-se em três momentos: no primeiro, empreendemos um esforço em recuperar a trajetória do folhetim *O artigo 200*, título pelo qual a narrativa começou a ser publicada no periódico *Província do Rio*, em 1889; na sequência, nos debruçamos sobre a edição em formato de livro popular do romance *O aborto*, pela Livraria do Povo, de Pedro Quaresma, em 1893; por fim, destacamos críticas de Coelho Neto e Carlos Magalhães de Azeredo sobre *O aborto* publicadas em importantes jornais do período a fim de compreender aspectos acerca da recepção quando da publicação do romance em livro.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Livros para homens; Literatura e imprensa.

Abstract:

***O aborto* (1893), by Figueiredo Pimentel: from the criticized serial novel to the success of the popular book**

This article aims to reflect on the publication process of Figueiredo Pimentel's novel *O aborto* (1893), from the pamphlet format to the book edition, considering the commercial component of literary texts and the instances of reception, especially Brazilian literary criticism at the end of the 19th

* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Mestre em Letras (Ênfase em Estudos Literários) também pela UFSM. Graduada em Letras Português e Espanhol pela Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9109909838710170>; E-mail: sabrina.fraccari@acad.ufsm.br

century. In order to provide a theoretical basis for our study, we drew on the research of El Far (2004; 2007), Catharina (2013), Vieira (2015), Mendes (2017), Mendes and Vieira (2013), as well as Sodré (1966) and Barbosa (2010). Our work is divided into three parts: in the first, we make an effort to recover the trajectory of the pamphlet *O artigo 200*, the title by which the narrative began to be published in the periodical *Província do Rio*, in 1889; next, we look at the edition in popular book format of the novel *O aborto*, by Livraria do Povo, by Pedro Quaresma, in 1893; finally, we highlight reviews by Coelho Neto and Carlos Magalhães de Azeredo on *O aborto* published in important newspapers of the period in order to understand aspects about the reception when the novel was published in book form.

Keywords: Brazilian literature; Books for men; Literature and the press.

Considerações iniciais¹

Se folheássemos os impressos fluminenses entre o final do século XIX e o início do XX, encontraríamos com frequência o nome de Alberto Figueiredo Pimentel. Cronista, romancista, contista, poeta e jornalista, o autor foi um dos mais prolíficos intelectuais brasileiros da *Belle Époque*, tendo publicado diversos títulos, desde romances até contos de fadas voltados ao público infantil. Entre os escritos de maior sucesso do macaense Figueiredo Pimentel, estão os romances *O aborto* (1893), objeto deste estudo, *Um canalha* (1895) e *O terror dos maridos* (1897), obras consideradas escandalosas pela crítica literária do período.

O aborto, primeiro romance publicado por Figueiredo Pimentel, foi editado em livro no ano de 1893, pela Livraria do Povo, do reconhecido livreiro-editor Pedro Quaresma (1863-1921), “um dos mais hábeis na vendagem de seus produtos” (Catharina, 2013, p. 43-44). A narrativa, no entanto, começou a ser publicada no formato folhetim pelo jornal *Província do Rio*, da cidade de Niterói, em 1889, sob o título *O artigo 200*,

e era assinada por Albino Peixoto, pseudônimo adotado por Pimentel. O folhetim, porém, teve sua publicação interrompida pelo periódico, pois foi considerado ofensivo pelos leitores e por parte da crítica.

A protagonista de *O aborto* é a jovem Maricota, filha de Joaquim e Guilhermina Rodrigues, casal de poucas posses que morava em Niterói. A jovem tratava com naturalidade as questões acerca do corpo e da sexualidade, e não se abstinha de tecer comentários sobre assuntos considerados delicados para as moças. Além disso, como o próprio título sugere, Maricota engravida antes de firmar matrimônio e, em razão disso, decide fazer um aborto, procedimento que acaba por levá-la à morte.

Taxado como imoral e pornográfico, quando publicado em livro, no entanto, *O aborto* foi um sucesso comercial, tendo vendido, segundo El Far (2004), cerca de sete mil cópias em poucos meses. Nosso interesse, desse modo, consiste em refletir sobre o processo de publicação do romance de Figueiredo Pimentel, desde o formato folhetim até a edição em livro, considerando o componente comercial dos textos literários e as instâncias de recepção, em especial, a

1 O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

crítica literária do período. Ao longo dessa reflexão, buscamos considerar hipóteses capazes de nos ajudar a compreender tanto o contexto histórico e, dessa forma, as condições que levaram ao sucesso comercial do romance, quanto o posterior apagamento do livro da história das letras nacionais.

Para isso, na próxima seção, com base nas pesquisas de Catharina (2013), Vieira (2015) e Mendes e Vieira (2013) e, ainda, nas considerações do próprio Figueiredo Pimentel, nos propomos a recuperar a singular trajetória do folhetim *O artigo 200*. Na sequência, amparados por El Far (2004; 2007) e Mendes (2017), recuperamos a campanha de publicidade promovida por Pedro Quaresma que precedeu a publicação, em formato de livro popular, do romance *O aborto*, em 1893. No mês de janeiro daquele ano, o livreiro passou a divulgar, nos principais jornais cariocas do período, notas curtas sobre o lançamento do romance de Pimentel, associando-o ao naturalismo e, com isso, evocando um certo teor erótico/sexual da narrativa como elemento de publicidade.

Por fim, na terceira e última seção, interessa-nos recuperar algumas críticas sobre o romance veiculadas em importantes periódicos no contexto finissecular que, em nossa leitura, reforçam a imagem de imoralidade da narrativa e, de alguma forma, contribuem para o seu posterior apagamento na história da literatura brasileira. Nesse sentido, é válido ressaltar que, atualmente, encontramos uma única edição do romance disponível, a qual foi organizada pelos pesquisadores Leonardo Mendes e Pedro Paulo Garcia Catharina, e publicada em 2023 na coleção Garimpo dos Editores, da Alameda Editorial. Enfatiza-se, desse modo, um esforço especialmente acadêmico em recuperar obras como a que constitui nosso objeto

de estudos, que tanto envolveram os leitores em fins do Oitocentos, mas que se mantiveram esquecidas por décadas.

O artigo 200 (1889) no jornal *Província do Rio*

O periódico niteroiense *Província do Rio* começou a ser editado em 1883 e, como a grande maioria dos jornais no período, trazia em suas páginas

notícias diversas sem ordem evidente, reunindo anúncios sobre crimes e prisões, reivindicações da população, cotação do café, notas de falecimento, sentenças judiciais, notícias do Império, decisões ministeriais e notas sobre espetáculos teatrais. (Catharina, 2013, p. 39).

Atualmente, porém, apenas quatro edições de *Província do Rio* podem ser acessadas: o primeiro número do jornal, datado de 15 de abril de 1883, pertencente ao acervo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB); e outras três edições que integram o acervo da Fundação Biblioteca Nacional, as de número 223 (de 3 de dezembro de 1885), 574 (de 15 de março de 1888) e 656 (de 25 de setembro de 1888) (Vieira, 2015).

A exitosa coluna Folhetim, como era de se supor, também ocupava as notas de rodapé do impresso. Embora sejam em número restrito as edições do periódico possíveis de serem acessadas no tempo presente, Catharina (2013, p. 40) afirma que os títulos publicados na seção folhetim do jornal *Província do Rio* “aponta[m] para o apelo de uma literatura comercial e mais popular, proveniente da França, que parece adequar-se aos anúncios de crimes e prisões presentes no jornal”. Na leitura do pesquisador, a predileção por tais narrativas ofereceria certo respaldo à publicação, naquele jornal, de um romance como *O artigo 200*.

O título dado ao folhetim por Figueiredo Pimentel refere-se, segundo Catharina (2013), ao artigo 200 do Código Criminal do Império do Brasil, datado de 16 de dezembro de 1830. Esse artigo é encontrado na Parte Terceira “Dos crimes particulares”, Título II “Dos crimes contra a segurança Individual”, Capítulo I “Dos crimes contra a segurança da pessoa, e vida”, especificamente na Seção II, intitulada “Infanticídio”, e esclarece que “fornecer com conhecimento de causa drogas ou quaisquer meios para produzir o aborto, ainda que este se não verifique” (Brasil, 1830, s.p.) configura crime punível com dois a seis anos de prisão. Acrescenta-se, ainda, que a pena será dobrada caso quem cometa o crime for médico, boticário ou cirurgião. É válido mencionar ainda, que, entre os artigos da seção II, o de número 199 proíbe a realização do aborto, pois configura crime “ocasionar aborto por qualquer meio empregado interior ou exteriormente com consentimento da mulher pejada” (Brasil, 1830, s.p.). Compreende-se, dessa forma, que o título do romance folhetim dialoga diretamente com uma questão pertinente para o período, criminalizada por um documento institucional.

Como pontua Catharina (2013), em razão do número restrito de edições do jornal *Província do Rio*, pouco se sabe sobre *O artigo 200*. A maior fonte de informações acerca do folhetim acaba por ser o “Prefácio indispensável”, escrito pelo próprio Figueiredo Pimentel quando da publicação da narrativa em livro, em 1893. Nesse texto, o jornalista destaca que o romance foi escrito em apenas dez dias: entre 16 e 25 de junho de 1889 e, pouco tempo depois de iniciada a publicação seriada, alguns leitores enviaram cartas à redação com queixas acerca da narrativa. Diante disso, os responsáveis pelo jornal ni-

teroiense optaram por alterar expressões, retirar descrições de cenas consideradas ultrajantes e, por fim, encerrar a publicação antes mesmo de a trama ser finalizada conforme os planos iniciais do escritor:

ao cabo de meia dúzia de números, em vista de reclamações diárias sem conta, devolução de assinaturas, cartas anônimas, etc., a redação julgou bom mudar palavras, suprimir cenas e descrições e, mais tarde, suspender-lhe a publicação. E, nesse tempo, como fora primitivamente escrito, achava-se expurgado dos vocábulos que pudessem malsoar aos castíssimos ouvidos dos pudicos leitores da praia... Grande! Muito mais resumido do que hoje aparece. (Pimentel, 2023, p. 25).

O jornalista não se priva de tratar ironicamente aos leitores primeiros do folhetim, pois ressalta que a publicação foi interrompida mesmo após a exclusão de palavras potencialmente ofensivas. Da mesma forma, ao realçar a supressão de palavras e cenas consideradas desrespeitosas à moral no texto publicado na *Província do Rio*, Figueiredo Pimentel apresenta um argumento para excitar a curiosidade dos leitores do romance publicado em livro. Sobre essa discussão, o autor acrescenta:

por quaisquer motivos que não vêm ao caso, o proprietário desta folha achou conveniente suprimir alguns trechos, capítulos e toda a conclusão. Fui obrigado a terminar a novela do modo que saiu impresso, diferente do que projetara e escrevera. Baseava-se o seu desfecho no art. 200 do Código Criminal.

Não perderam com esse final os leitores do Sr. Xavier de Montépin, que querem um enredo intrincado e comovente, um fim qualquer. Antes pelo contrário... Agora, os que leem literatura e esperavam cenas verdadeiras, descrição completa dos fatos naturais, estudos psicofisiológico dos caracteres observados, não de ler *O artigo 200* – edição correta e aumentada – muito em breve, em volume. (Pimentel, 2023, p. 26).

Figueiredo Pimental menciona o escritor francês Henry Xavier Amon Perrin, conhecido como Xavier de Montépin (1823–1902), autor de romances-folhetim bastante popular na França e no Brasil em fins dos Oitocentos (Mendes; Vieira, 2013). Entre os títulos de Montépin publicados na imprensa brasileira, destaca-se *As Mulheres de Bronze (1ª parte)*, veiculada no periódico carioca *Gazeta de Notícias*, no ano de 1879 (Mendes; Vieira, 2013).

A lembrança do popular escritor francês, no entanto, foi usada por Pimentel para alfinetar aos leitores do jornal *Incomodados* com *O artigo 200*, uma vez que ele parece considerar as produções de Montépin pouco criativas. Enquanto isso, leitores interessados em textos mais elaborados e desafiadores (como Pimentel claramente considera o seu romance), ficaram, logicamente, decepcionados com o final dado ao folhetim e, por isso mesmo, poderiam buscar na publicação em livro os elementos que almejam encontrar nas narrativas literárias. Ao fazer isso, o escritor macaense, além de intencionalmente marcar certa distinção nos leitores que – naquele momento – comprariam seu romance editado em livro, investe numa espécie de publicidade para a sua obra, realçando o elemento comercial da literatura.

O aborto (1893), pela Livraria do Povo

As últimas décadas do século XIX foram de intensas transformações sociais, culturais e econômicas no Brasil. A proclamação da República, em 1889, consolidou o Rio de Janeiro como o principal centro do país em razão de perspectivas promissoras para a cidade, especialmente no campo econômico: o porto passava, cada vez mais, a receber importações da Europa; era sede do Banco do Bra-

sil, o qual concentrava as finanças da nação; e era também o núcleo da rede de ferrovias nacionais e, portanto, o ponto de ligação entre todas as regiões do país. Dessa forma, a então capital da jovem República tornou-se o “maior centro cosmopolita da nação, em íntimo contato com a produção e o comércio europeus e americanos, absorvendo-os e irradiando-os para o resto do país” (Sevcenko, 2003, p. 40).

Além disso, desde 1870, o Rio de Janeiro atravessava por um processo de ampliação da industrialização, possibilitado pelo aumento das linhas férreas, e passou a atrair uma gama de trabalhadores em busca de emprego. Esse cenário se deu também em razão de dois outros fatores: a abolição formal da escravatura, em 1888, e a crise da produção cafeeira, intensificada a partir de 1882. Ambos eventos levaram à cidade uma população composta de pessoas livres (ex-escravizados) e imigrantes europeus, acentuando o êxodo rural e, ao mesmo tempo, gerando uma concentração de pessoas no Rio (El Far, 2004). Aos poucos, criou-se, na capital republicana, um contingente de trabalhadores assalariados, os quais tinham a possibilidade de consumir produtos, entre eles, livros e jornais.

Nesse contexto, o mercado editorial carioca, sobretudo os anos posteriores a 1870, cresceu de modo nunca visto. Segundo El Far (2007), novas tecnologias de impressão passaram a ser utilizadas e, junto ao papel de menor qualidade, capas em formato brochura e edições em tamanho menor, permitiram o barateamento dos impressos, tornando-os acessíveis a um número muito maior de leitores. Dessa forma, o livro foi, paulatinamente, deixando de ser um produto caro e, por isso mesmo, reservado às elites abastadas (El Far, 2007).

Cabe destacar que, sobretudo no Rio de Janeiro, ao contrário do que se acreditou por muito tempo, havia uma gama considerável de habitantes vistos como alfabetizados:

o índice de analfabetismo no Rio de Janeiro, naquele final de século, era o mais baixo do país. Enquanto 80% dos brasileiros não sabiam ler nem escrever, quase metade da população carioca aparecia, nos dados oficiais, liberta desse mal. Segundo o censo de 1890, a população da capital federal era de 522 mil habitantes, um número que praticamente havia dobrado em relação ao recenseamento de 1872. Desse meio milhão de moradores, 57,9% dos homens e 43,8% das mulheres foram registrados como alfabetizados, o que representava, em termos numéricos, cerca de 270 mil pessoas capazes de ler e escrever. (El Far, 2004, p. 12-13).

O número elevado de possíveis leitores, embora não se possa precisar se, de fato se traduzia na realidade, como ressalva El Far (2004), atraiu a atenção de editores e livreiros que, cada vez mais, viam o livro como uma mercadoria lucrativa. Em razão disso, esses profissionais buscaram diversificar a oferta de impressos, a fim de disponibilizar aos leitores narrativas dos mais variados gêneros, bem como livros de diferentes valores e formatos:

aos olhos do freguês estavam os autores aclamados nos jornais, as edições de luxo, os exemplares chegados havia pouco do além-mar, as brochuras em oferta, os volumes ilustrados, representantes dos mais variados temas, gêneros e idiomas. (El Far, 2004, p. 27-28).

Com o comércio de livro transformando-se em um negócio bastante lucrativo em virtude do crescente número de leitores e dos baixos custos de produção dos impressos, diversos vendedores de livros passaram também a se aventurar pelo ramo editorial, entre eles Pedro da Silva Quaresma, pro-

prietário da Livraria do Povo. Nas palavras de El Far (2004, p. 44), o livreiro “procurava fazer nome junto aos leitores, promovendo autores de enredos arrebatadores, sangüinolentos e lúbricos, muitas vezes desaconselhados às ‘mulheres de boa família’”.

Quaresma iniciou no ramo editorial na década de 1890, e mostrou-se logo atento aos gostos do público leitor. A partir de 1894, por exemplo, a Livraria do Povo começou a publicar uma série de impressos dedicados ao público infantil, a chamada Biblioteca Infantil, contribuindo para popularizar a literatura voltada a agradar aos pequenos, nicho até então inédito no mercado livreiro brasileiro. Não à toa, os livros para crianças acabaram por tornar-se bastante populares durante a *Belle Époque* carioca. A coleção lançou vários títulos, entre eles *Histórias da carochinha* (o primeiro volume publicado), *Histórias do arco da velha*, *Histórias da baratinha*, *Teatro infantil* e *Meus brinquedos*, todos editados por Figueiredo Pimentel (El Far, 2004).

Os títulos da Livraria do Povo não se restringiam, contudo, às publicações direcionadas às crianças, pois Pedro Quaresma “procurou sempre publicar o que ainda não havia no terreno das letras” (El Far, 2004, p. 96). Seguindo esse pensamento, o livreiro-editor colocou no mercado uma série de trovas e modinhas que alcançou sucesso imediato e atraiu um novo público para o seu estabelecimento. Mas o catálogo da Livraria do Povo, porém, não se esgotava nos livros infantis e tampouco nas trovas e modinhas: abarcava também os chamados “livros para homens”, do qual *O aborto* foi considerado um representante de sucesso.

Eufemismo para narrativas de tom pornográfico, os “livros para homens” ou de “leitura alegre” foram outro sucesso comercial dos Oitocentos. Embora o sexo e o dis-

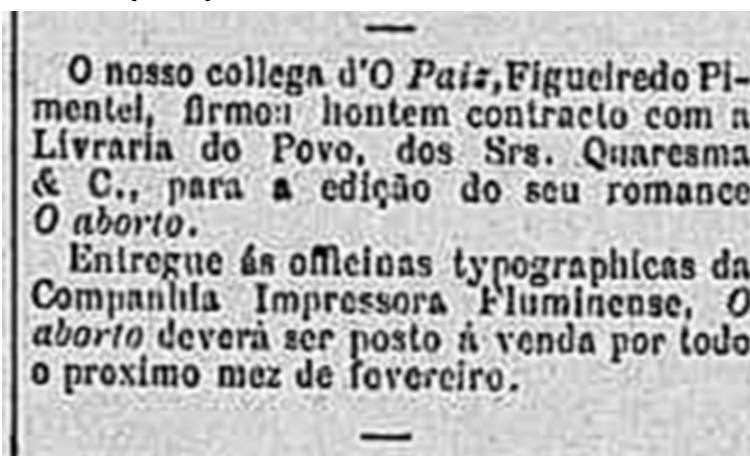
curso sobre ele fossem considerados assuntos delicados e indecorosos, e as publicações acerca do tema tenham sido censuradas ao longo da história dos impressos, o mercado editorial carioca, em fins do século XIX, encontrou nas narrativas pornográficas “uma faixa reconhecível do comércio livreiro” (Mendes, 2017, p. 174). Dessa forma, especialmente a partir dos anos 1880, os livros licenciosos proliferaram-se a fim de atender a um público crescente, e eram anunciados nas páginas dos jornais de maior circulação na cidade do Rio, entre eles, os periódicos *Gazeta de Notícia* e *O Paiz*.

A Livraria do Povo, por intermédio de Pedro Quaresma, “que ambicionava conquistar a preferência do público no campo das publicações populares, não só editou como também incentivou a criação de alguns desses romances” (El Far, 2004, p. 253). A livraria contava, em seu catálogo, com um vasto número de publicações consideradas pornográficas, entre elas *Contos nervosos que produzem tremeliques nas moças*, *Rimas*

inocentes que produzem faísca, *A virgem devassa*, *A maneira de tratar as mulheres como elas merecem*, *Memórias de uma insaciável*, além de *O aborto* (Mendes, 2017).

Dada a popularidade da imprensa, o desejo de Quaresma de ver os livros por ele editados alcançarem altos números de vendas, e o fato de que “as obras populares não eram aquelas direcionadas a um público específico, e sim as que recebiam um tratamento editorial interessado em baixar seu custo de produção e dinamizar seu consumo” (El Far, 2004, p. 12), a publicação de *O aborto* foi precedida por uma forte campanha de divulgação veiculada nos principais impressos da então capital da República. No mês de janeiro de 1893, precisamente no dia 24, o reconhecido jornal *Gazeta de Notícias* destacou, na seção Gazetilha, uma nota informando sobre o contrato assinado entre Figueiredo Pimentel e a Livraria do Povo para a edição em livro do romance. Esse informe se encontra reproduzido na figura 1, a seguir.

Figura 1. Nota sobre o contrato firmado entre Figueiredo Pimentel e a Livraria do Povo para a publicação de *O aborto*, veiculada na seção Gazetilha do jornal *Gazeta de Notícias* (1893)



Legenda: O nosso colega de *O Paiz*, Figueiredo Pimentel, firmou ontem contrato com a Livraria do Povo, dos Srs. Quaresma & C., para a edição do seu romance *O aborto*. Entregue às oficinas tipográficas da Companhia Impressora Fluminense, *O aborto* deverá ser posto à venda por todo o próximo mês de fevereiro.

Fonte: *Gazeta de Notícias*, 24/01/1893, p. 2. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1893_00023.pdf. Acesso em: 02 out. 2023.

No mês de fevereiro de 1893, o jornal *O Paiz*, para o qual o próprio Figueiredo Pimentel escrevia na época, divulgou breve nota sobre a publicação de *O aborto* na seção reservada aos anúncios publicitários. No dia 3 de fevereiro (anúncio reproduzido à esquerda), era informado que “Aparecerá brevemente *O aborto*, romance naturalista por Figueiredo Pimentel” (*O Paiz*, 3/2/1893, p. 6), enquanto no dia 16 do mesmo mês (anúncio reproduzido à direita), a nota tratava a obra como “romance realista”. A flutuação entre “naturalista” e “realista” como qualificadores estéticos da narrativa a ser publicada mobilizavam as expectativas dos leitores e a associação ao naturalismo, em especial, indicava a exploração do corpo de modo a sugerir a presença de elementos de cunho erótico e/ou licencioso.

Segundo El Far (2004), o mesmo anúncio foi publicado entre os meses de fevereiro e

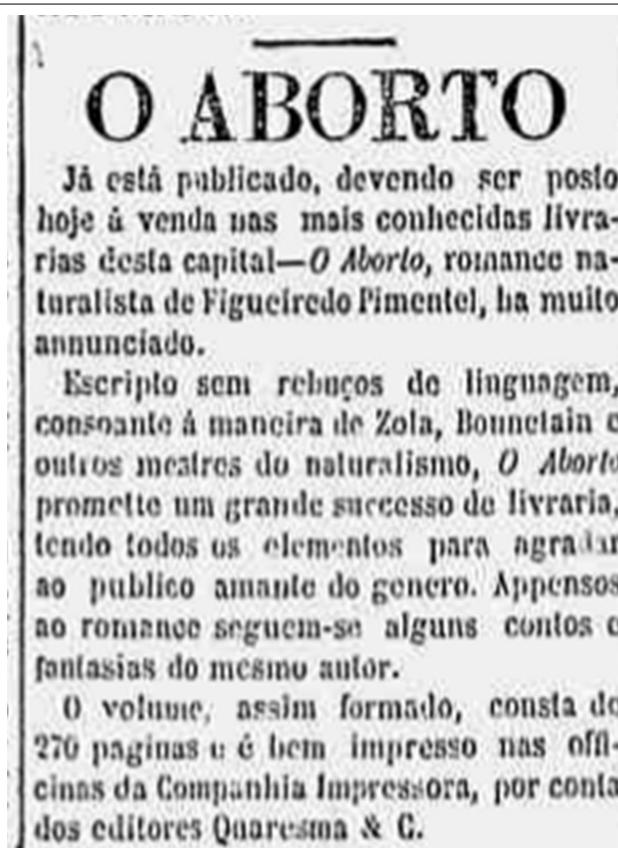
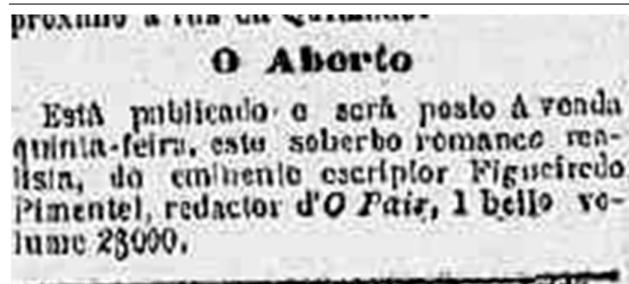
março nos principais jornais da capital federal, de modo a aguçar a curiosidade dos leitores em potencial. E, apesar de a nota sobre a assinatura do contrato entre Pimentel e a Livraria do Povo (figura 1) afirmar que a publicação sairia no mês de fevereiro, apenas no mês seguinte é que o romance editado em formato livro popular foi posto à venda (Catharina, 2013).

No final do mês de março, precisamente no dia 20, o periódico *Gazeta de Notícias* trouxe, ao final da página 4, a informação de que *O aborto* havia sido publicado (figura à esquerda). Catharina (2013), no entanto, afirma que a publicação do romance parece ter ocorrido somente no dia 23 daquele mesmo mês, quando o jornal *O Paiz* informava, em uma nota relativamente extensa, que a obra de Figueiredo Pimentel seria posta à venda no mesmo dia (figura à direita).

Figura 2. Anúncios sobre a publicação de *O aborto* publicados no mês de fevereiro de 1893 pelo jornal *O Paiz*



Fonte: *O Paiz*, 3/2/1893, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_03925.pdf. Acesso em 10 out. 2023. — *O Paiz*, 16/2/1893, p. 6. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_03938.pdf. Acesso em 10 out. 2023.

Figura 3. Notas sobre a publicação e comercialização de *O aborto* (1893) pela Livraria do Povo

Legenda: *O Aborto*: Já está publicado, devendo ser posto hoje à venda nas mais conhecidas livrarias desta capital – *O Aborto*, romance naturalista de Figueiredo Pimentel, há muito anunciado. Escrito sem rebuscos de linguagem, consoante à maneira de Zola, Bonnetain e outros mestres do naturalismo, *O Aborto* promete um grande sucesso de livraria, tendo todos os elementos para agradar ao público amante do gênero. Apensos ao romance seguem-se alguns contos e fantasias do mesmo autor. O volume, assim formado, consta de 270 páginas e é bem impresso nas oficinas da Companhia Impressora, por conta dos editores Quaresma & C.

Fonte: *Gazeta de Notícias*, 20/03/1993. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1893_00078.pdf. Acesso em: 15 out. 2023. — *O Paiz*, 23/03/1893. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_03973.pdf. Acesso em: 15 out. 2023.

A divulgação de notas e anúncios informando desde a assinatura do contrato para a publicação de *O aborto* até o momento em que o impresso estaria disponível para compra configuram uma massiva campanha publicitária em torno do romance, promovida por Pedro Quaresma, e ressaltam o poder e a atuação da imprensa na vida pública em fins dos Oitocentos. Nelson Werneck Sodré (1966), em *A história da imprensa no Brasil*, cita os comentários do jornalista francês Max Leclerc (1864-1932) sobre a imprensa brasileira do período, considerados bastante exatos pelo historiador carioca. Leclerc (1942 apud Sodré, 1966) enfatiza o caráter comercial da maioria dos jornais do período, que traziam a publicidade como principal

elemento para a organização das publicações: mesmo o objetivo de conquistar mais leitores era devido à possibilidade de, com isso, aumentar o valor da publicidade.

Segundo Sodré (1966), a presença ostensiva de anúncios publicitários nos periódicos em fins do Oitocentos inscreve-se num quadro de produção em massa por parte da imprensa, possibilitado pela revolução nas técnicas de impressão e circulação de jornais ocorrida ao longo daquele século. Tal cenário, por sua vez, é sintoma da ascensão e consolidação do modo capitalista burguês no Brasil, em especial no Rio de Janeiro, “outra prova da interligação entre o desenvolvimento da imprensa e o desenvolvimento capitalista” (Sodré, 1966, p. 03), principal tese defendida pelo autor.

A produção em massa, da qual a imprensa participou em larga escala, também se deu em outras áreas, e esteve ligada à concentração de contingente populacional nas cidades, mencionada no início desta seção. A urbanização da população abriu espaço para novos mercados, “a necessidade de conquistá-los conferiu importância à propaganda, e o anúncio apareceu como traço ostensivo das ligações entre a imprensa e as demais formas de produção de mercadorias” (Sodré, 1966, p. 3). A publicidade, principal meio de lucro para os jornais, era também a maneira pela qual se dava visibilidade a um produto a ser vendido. Dessa forma, compreende-se que os diversos anúncios publicitários acerca do romance de Figueiredo Pimentel veiculados nos jornais cariocas salientam o componente comercial dos textos literários, e promovem uma associação imediata entre literatura e publicidade.

Silva (2006, s.p.) destaca que o período entre séculos (chamado por ele de Pré-Modernismo) registrou uma relação estreita entre ambas, na qual a publicidade surge “como recurso de divulgação de autores e obras de literatura, instituindo estratégias de legitimação e visibilidade social, portanto numa relação em que a publicidade coloca-se a serviço da literatura”. Essa associação entre obras literárias e campanhas publicitárias ocorreu em um momento no qual o livro, como afirmamos, ganhava contornos de mercadoria capaz de gerar lucro aos atores envolvidos em sua produção, desde o escritor até os editores e proprietários de livrarias. Em meio ao processo de assentamento e consolidação do modo capitalista industrial tanto de produção quanto de consumo, instaura-se uma nova dinâmica no mercado editorial, e os números de vendas tornam-se – ainda mais – relevantes. Nesse contexto, a divulgação dos produtos, entre eles os livros, era funda-

mental, fato que foi logo compreendido por Pedro Quaresma, vide os anúncios acerca da publicação do romance objeto deste estudo.

Diante disso, como afirmava a nota publicada n’*O Paiz* (figura 3), *O aborto* tornou-se logo um sucesso de vendas, demonstrando que a – relativamente longa – campanha publicitária promovida pelo proprietário da Livraria do Povo logrou êxitos. Catharina (2013), em sua pesquisa, encontrou anúncios publicados no jornal *Gazeta de Notícias* nos dias 26, 27, 28 e 29 março, além de um em 3 de abril, que confirmam o triunfo comercial do romance de Figueiredo Pimentel. Na edição do dia 21 de abril de 1893 de *O Paiz*, é possível conhecer os números de vendas do impresso em menos de um mês após o lançamento: cinco mil exemplares. Já na edição de 27 de junho de 1893, no mesmo jornal, é informado que *O aborto* alcançava as sete mil cópias vendidas. Esses números revelam o livro como um *best-seller* quase instantâneo (Catharina, 2013) e alavancam tanto a carreira de Pimentel quanto os lucros da Livraria do Povo.

As duas notas publicadas em *O Paiz* enfatizam os altos números de vendas alcançados em pouco tempo pelo livro de Figueiredo Pimentel, o maior sucesso da literatura brasileira do período, como sublinha o anúncio reproduzido a seguir. A trajetória do romance realça a estreita relação entre literatura e imprensa, uma vez que a obra foi veiculada primeiro no suporte jornal, em um periódico de circulação restrita como era a *Província do Rio*, e, posteriormente, publicada em livro através de um livreiro-editor reconhecido pela habilidade no mercado editorial (Catharina, 2013). Diante do êxito nas vendas do romance impresso em livro, surgiram, nos jornais de maior circulação da capital federal, entre eles *O Paiz* e *Gazeta de Notícias*, críticas sobre o romance *O aborto*

Figura 4. Notas publicadas no jornal *O Paiz* sobre os números de vendas de *O aborto* (1893)



Legenda: Grande sucesso! O maior da literatura brasileira! *O aborto*, romance naturalista por Figueiredo Pimentel. Quase 7.000 exemplares vendidos em três meses!!! Acha-se no prelo a 2ª edição.

Fonte: *O Paiz*, 21/04/1893, p.6. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_04001.pdf. Acesso em: 16 out. 2023.

Legenda: Grande sucesso! O aborto, romance naturalista por Figueiredo Pimentel. 5.000 exemplares vendidos em um mês!!!

Fonte: *O Paiz*, 27/06/1893, p.6. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_04068.pdf. Acesso em: 16 out. 2023.

assinadas por intelectuais do período interessados em compreender as eventuais motivações para a trajetória de sucesso do impresso mesmo com a imagem de imorali-

dade atrelada à narrativa e ao autor após a publicação em folhetim. É sobre a recepção crítica do livro em fins dos Oitocentos que trataremos a seguir.

Recepção crítica do romance *O aborto* no final do século XIX

Ao final do século XIX, a imprensa era um dos principais veículos de comunicação e entretenimento na cidade do Rio de Janeiro (Barbosa, 2010). A modernização dos jornais, a fim de aprimorar técnicas de impressão para garantir a circulação cada vez maior dos periódicos pelas ruas da cidade, resultou em um amplo domínio da imprensa, inclusive na organização de diferentes áreas da vida social.

Em determinado momento, ao final do século XIX, enfatiza Barbosa (2010), os jornais, antes mediadores entre o poder público e o “povo”, alcançaram o status de formadores de opinião, e expandiram sobremaneira o seu poder sobre a sociedade. Para termos uma noção da ampla circulação dos impressos pela cidade do Rio, sobretudo na transição entre o século XIX e o XX, o número de tiragens diárias dos grandes jornais, entre eles o *Jornal do Commercio*, a *Gazeta de Notícias*, o *Correio da Manhã* e o *Paiz*, alcançava os 150 mil exemplares, em uma cidade com cerca de 600 mil habitantes, no ano de 1900 (Barbosa, 2010).

Essa ampla expansão do número de periódicos em circulação pela cidade foi determinante para alastrar o poder da imprensa junto aos leitores, tanto da elite quanto de camadas menos favorecidas economicamente, uma vez que o aumento da tiragem diminuiu os custos de impressão e, conseqüentemente, barateou o valor de revenda, possibilitando aos impressos alcançarem diferentes públicos. Assim,

com tiragens muito superiores àquelas alcançadas por outras obras impressas, os jornais se constituíram nos principais veículos de comunicação com o grande público. Apesar das baixas taxas de escolaridade e alfa-

betização, já se mostravam em fins do século XIX capazes de atingir, com sua influência, os mais diversos grupos sociais – fato explicado por hábitos como a leitura em voz alta e pela rápida difusão oral daquilo que era publicado. (Chalhoub; Neves; Pereira, 2005, p. 17).

Compreende-se, deste modo, que o jornal atua na formação de um público leitor e, portanto, as opiniões veiculadas nos principais periódicos possuem potencial para sugerir pontos de vista aos leitores. Nesses casos, as colunas de opinião publicadas nos jornais se difundem oralmente entre os habitantes da cidade, conforme ressaltam Chalhoub, Neves e Pereira (2005), bem como as críticas literárias, presenças marcantes nos impressos, que ressoam e contribuem para criar imagens e impressões acerca dos romances do período, impressões essas que reverberam ao longo do tempo.

Figueiredo Pimentel tem noção do poder das críticas veiculadas nos jornais, tanto que pede, na edição em livro de *O aborto*: “Àqueles que escreverem sobre este livro, peço que me enviem um exemplar do periódico, com o endereço: Figueiredo Pimentel – Redação de O PAIZ – Rua do Ouvidor ns. 63-65 – Rio de Janeiro” (Pimentel, 2023, p. 19). O pedido pode revelar a intenção do escritor de, uma vez recebida a crítica, ter a possibilidade de rapidamente respondê-la e, dessa forma, manter o romance fresco na memória dos leitores. De outra parte, os textos sobre *O aborto* assinados por Pimentel evidenciam estar ele ciente das opiniões correntes acerca da imoralidade de seu romance, o que tornaria o livro alvo de críticas acaloradas, como, de fato, aconteceu.

Quando buscamos por algumas críticas sobre o livro de Pimentel publicadas em importantes jornais após seu lançamento, em 1893, encontramos a menção ao naturalismo como uma espécie de justificativa para

as cenas picantes, por assim dizer, presentes no romance. No entanto, a grande maioria dos críticos afirmava que a narrativa “não atendia às regras do naturalismo sério, desviando-se para o aspecto pornográfico e ‘sensacionalista’ da estética” (Vieira, 2015, p. 108), reafirmando a ideia de imoralidade que acabou se ligando ao romance do escritor macaense.

Uma das principais críticas negativas ao livro de Pimentel foi feita pelo escritor carioca Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963). Publicada no jornal *Gazeta de Notícias*, na coluna “Homens e livros”, a crítica ocupa quase um terço da primeira página da edição do dia 3 de julho de 1893, uma segunda-feira. O primeiro comentário depreciativo de Azeredo é dirigido ao próprio Figueiredo Pimentel que, segundo ele, não conheceria nem o romantismo (criticado pelo macaense ao longo do romance objeto deste estudo) nem o naturalismo, uma vez que *O aborto* se filiaria ao “ultra-naturalismo”, o qual

incapaz de trilhar o caminho largo da observação experimental, aberto pelos chefes da escola, se contenta em imitá-los em uma parte meramente acidental – na parte pior do seu gênio: a inclinação irresistível para as pinturas pornográficas. (Azeredo, 1893, p. 1).

O crítico ressalta negativamente o teor pornográfico do romance de Pimentel, no entanto, não o atribui diretamente ao naturalismo, mas sim a uma espécie de variação deste, por assim dizer, a qual seria responsável por apelar à pornografia para sustentar a narrativa, como seria o caso de *O aborto*. Compreende-se, desse modo, que ao suposto caráter pornográfico do romance se deve o sucesso da publicação, pois não haveria qualidade na composição da obra, apenas a exploração da sexualidade como forma de atrair a atenção dos leitores.

Coelho Neto (1864-1934), ao se referir ao livro de Pimentel, não o trata de modo depreciativo, como o fez Azeredo. Sob o pseudônimo Caliban, o escritor maranhense publica, em 26 de março de 1893 (meses antes da resenha de Azeredo, portanto), uma coluna na primeira página do jornal *O Paiz*, intitulada “O AB... (por Figueiredo Pimentel)” e, se utilizando da ironia, elogia sobretudo os méritos do romance de Pimentel em se referir à sexualidade da protagonista em uma sociedade que guarda para si ares de casta e, dessa forma, escandaliza-se ante livros como aquele.

Nesse sentido, Coelho Neto brinca com o próprio título do romance e, ao não mencioná-lo por completo na coluna, ridiculariza, de certo modo, a pretensa moralidade dos leitores que se sentiram ofendidos com o romance de Pimentel. Diferentemente de Azeredo, que não encontra nada positivo no romance, o maranhense afirma que, ao contrário de um aborto, “o (calo o nome) é perfeito, parece de tempo, será prematuro, mas ab... é que não é – tem ação, tem cor, tem desenvolvimento, tem alma” (Neto, 1893, p. 1). Coelho Neto, ao enfatizar características positivas no romance de Pimentel – embora não as descreva –, apesar de assinar com um pseudônimo, estabelece um ponto de discordância entre os críticos que se propunham a dedicar algumas linhas a discorrer sobre *O aborto*.

Além disso, menciona o sucesso do romance nas livrarias como algo digno de nota, que revelaria habilidades do escritor Figueiredo Pimentel em perceber e entregar aquilo que o público desejava. Os altos números de vendas do livro são também debatidos por Azeredo, no entanto, por uma perspectiva negativa. Impressionado pelo fato de o romance chegar aos seis mil exemplares vendidos, o escritor suspeitava dos

motivos para tanto sucesso, e dizia que, ao ler a narrativa, comprovou as suspeitas:

mas, há dias, de relance, vejo num exemplar de *O aborto*, com a tinta de impressão ainda fresca: 6º milheiro! Decidi-me então a comprá-lo, a trazê-lo para casa no intuito de descobrir que qualidades justificavam êxito tão assombroso num livro assombrosamente ruim. Confesso que não tive extrema surpresa; não sou otimista, nem ingênuo demais, e já esperava mais ou menos, o que vi; mas ainda assim, não esperava tanto. (...) Este livro não é mais que um objeto de comércio, com que o editor vos explora, fazendo vos pagar o imposto dos vossos vícios e da vossa depravação moral... (Azeredo, 1893, p. 1).

Como é possível perceber, o escritor carioca não tem nenhuma simpatia pelo romance *O aborto*, e não reconhece qualquer qualidade literária na obra de Pimentel. Pelo contrário, o sucesso comercial de uma narrativa considerada por ele pornográfica se deve aos vícios e à depravação moral dos leitores, exploradas pelos editores interessados em vender cada vez mais exemplares. Assim, o teor sexual do romance seria o principal responsável pelo elevado número de vendas, na opinião do crítico, da qual não discordamos totalmente.

No entanto, críticas duras, como a de Azeredo, associaram ao romance de Pimentel a imagem de pornográfico e imoral, relação que, do nosso ponto de vista, compreendemos ter sido uma das responsáveis pelo apagamento da obra, republicada apenas em 2015, ou seja, esquecida por mais de cem anos. Assim, em razão do poder de formador de opinião da imprensa e, claro, dos intelectuais que nela publicavam, o juízo negativo acerca do romance de Pimentel acabou preponderando, e relegando à narrativa a imagem depreciativa de “pornográfica”. Na década de 1890, no entanto, essa associação foi bem aproveitada pelos livreiros, e a por-

nografia destacada no romance acabou por se tornar mais um elemento de publicidade – talvez o principal deles – dessas narrativas, entre as quais encontra-se *O aborto*.

Considerações finais

Nosso objetivo neste estudo foi refletir sobre o processo de publicação do romance *O aborto* (1893), de Figueiredo Pimentel, desde o formato folhetim, veiculado pelo jornal *Província do Rio*, em 1889, até a edição em livro, editada pela Livraria do Povo, em 1893, considerando o componente comercial dos textos literários e as instâncias de recepção, em especial, a crítica literária brasileira em fins do Oitocentos. Quando publicada em folhetim, a obra não foi bem recebida pelos leitores, e teve sua publicação interrompida por ter sido considerada imoral e pornográfica, ofensiva, portanto, à moral da época. Pouco tempo depois, no entanto, foi editado em formato de livro popular, e alcançou altos números de vendas.

A trajetória do romance *O aborto*, nesse sentido, destaca as relações muito próximas entre a imprensa e as obras literárias, bem como indica caminhos para compreendermos o papel que os livros populares ocupam no período finissecular brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro. De outra parte, há um elemento de publicidade muito presente, e que tem o jornal como principal veículo, uma vez que Pedro Quaresma divulgou diversas notas enfatizando tanto a publicação quanto o sucesso comercial do romance. Entre os elementos destacados nessa campanha está a pornografia e a associação de *O aborto* aos chamados “livros para homens”, bastante populares no período.

Ao recuperar a trajetória do romance de Figueiredo Pimentel, compreendemos que *O aborto* nos oferece pistas valiosas para refletir sobre as dinâmicas encenadas pelos

textos literários no final do século XIX: a relação muito próxima entre literatura e imprensa; as relações entre os textos literários e as campanhas de divulgação veiculadas nos periódicos, que garantem visibilidade às obras; e a associação à pornografia como elemento gerador de interesse em uma parcela significativa do público leitor. Além disso, percebemos que o tom pornográfico do romance, ressaltado pela crítica de Azeredo, por exemplo, foi, ao mesmo tempo, importante para garantir um alto número de vendas para o livro quando de sua publicação, mas também um dos possíveis responsáveis pelo apagamento da narrativa da crítica e historiografia literária nacionais. Diante disso, consideramos que o presente estudo pode e deve ser complementado com outras pesquisas acerca do mesmo romance e também de outros, que inicialmente circularam pela capital da República em fins do século XIX.

Referências

- AZEREDO, Carlos Magalhães de. Homens e livros. O aborto. Rio de Janeiro, **Gazeta de Notícias**, 3 de julho de 1893. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/103730/per103730_1893_00169.pdf. Acesso em: 25 out. 2023.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil - 1800-1900**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.
- BRASIL. Lei de 16 de dezembro de 1830. **Código Criminal do Império**. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/lim/lim-16-12-1830.htm. Acesso em: 10 out. 2023.
- CATHARINA, Pedro. De “O Artigo 200” a “O Aborto”: a trajetória de um romance naturalista. **Letras**, Santa Maria, v. 1, n. 47, p. 37-58, dez. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11754>. Acesso em: 14 set. 2023.
- CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (orgs.). **História em cousas miúdas**. Campinas: UNICAMP, 2005.
- EL FAR, Alessandra. Crítica social e ideias médicas nos excessos do desejo: uma análise dos “romances para homens” de finais do século XIX e início do XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 01, p. 285-312, jun. 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/YPhJsPY6SbJf-KByW7SKsBZj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 14 set. 2023.
- EL FAR, Alessandra. **Páginas de sensação: literatura popular e pornográfica no Rio de Janeiro (1870-1924)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- MENDES, Leonardo. Livros para homens: sucessos pornográficos no Brasil no final do século XIX. **Cadernos do IL/UFRGS**, Porto Alegre, v. 01, n. 53, p. 173-191, jan. 2017. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/view/67571>. Acesso em: 13 set. 2023.
- MENDES, Leonardo; VIEIRA, Renata. *Mulheres de Bronze: Xavier de Montépin e o folhetim no Brasil*. **E-scrita**, Nilópolis, v. 4, n. 4, p. 92-130, set./dez. 2013. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/1212>. Acesso em: 16 out. 2023.
- NETO, Coelho. O AB... (por Figueiredo Pimentel). Rio de Janeiro, **O Paiz**, 26 de março de 1893. Disponível em: https://memoria.bn.br/pdf/178691/per178691_1893_03976.pdf. Acesso em: 28 out. 2023.
- PIMENTEL, Figueiredo. Prefácio indispensável. In: PIMENTEL, Figueiredo. **O aborto**. São Paulo: Alameda, 2023. p. 25-27.
- PIMENTEL, Figueiredo. **O aborto**. São Paulo: Alameda, 2023.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SILVA, Maurício. Literatura e Publicidade no Pré-Modernismo Brasileiro: uma Introdução. **Crítica Cultural**, Florianópolis, v. 1, n. 1, s.p., jan./jun. 2006. Disponível em: https://portal-deperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/83. Acesso em 22 out. 2023.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **A história da imprensa no Brasil**. Civilização Brasileira: Rio de Janeiro, 1966.

VIEIRA, Renata. Figueiredo Pimentel e o romance *O aborto* (1893): uma história pouco conhecida do naturalismo no Brasil. **SOLETRAS**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 30, p. 103-117, jul./dez.

2015. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/soletras/article/view/18482>. Acesso em: 14 set. 2023.

Recebido em: 14/02/2024
Aprovado em: 10/05/2024



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.